

AUGUSTO FRANCO

Nuno Tomaz Pires de Carvalho

Faculdade de Direito

É verdade que Luanda é feia e suja,
uma cidade estúpida como todas as cidades que não têm um
prefeito em condições.

É verdade que as ruas têm buracos, que o céu é cinzento
e que a baía só é bonita nos postais ilustrados
que a mostram vista da fortaleza, do porto, do porto e da fortaleza.

É verdade que a poeira entra por uma pessoa adentro com vento
ou sem vento,
que as águas da baía são nojentas
e que a ilha só tem de bonito os barcos que entram na barra.

Sim, é verdade.

Também é verdade que em Luanda, como nas outras cidades,
estacionar o automóvel é um bicho de sete cabeças
e que ao domingo à tarde a família vai descansar
para os engarrafamentos de trânsito da ilha.

É verdade que no meu prédio existe uma moça terrivelmente
prendada que até às tantas da manhã se entretém a tocar
qualquer coisa que deveria ser
piano

(acrescento já que ela é míope mental e calça sapatos 41);

é verdade que no meu prédio, desde o meio-dia até à meia-noite,
acontecem os mais incríveis jogos de futebol,
os mais sangrentos recontros entre índios e cow-boys
(o sheriff é o tal que nunca morre
e que acaba por liquidar — em duelo trágico mas leal — o
gun-man malfeitor e com cara de mau),
é verdade que no meu prédio acontecem os mais intrigantes boatos,
os mais mordazes comentários
e os mais fatigantes esgotamentos nervosos.
É verdade que aqui também alguém se embriaga para esquecer
alguma coisa,
e que alguém se suicida para fugir a alguma coisa,
e que alguém mata para conseguir alguma coisa,
e toda essa coisa está incluída na senha do machimbombo que
trouxe todo o mundo de casa para esta merda de vida.

E é verdade que os bordéis estão concentrados no Marçal,
e que no Prenda, volta e meia, há cenas de facada,
e que, por uma vez, eu assisti na ilha aos ciúmes desenfreados
da mulher enganada.

É verdade que há jardins
donde poderíamos colher girassóis
e pousá-los no coração cansado,
é verdade que aqui os pássaros também caem
e que às vezes um velho, cheio de medo de morrer, enlouquece,
é verdade que a mocinha feia que não conseguiu casar se prostitui,
que a pureza da flor
foi esquecida, amarrotada em limalha de ferro,
e que a minha vontade de chorar
oculta um desejo enorme de perdição.

Sim, isto é verdade.

Mas também é verdade
que pouco me importa que o prefeito seja um incapaz
e que as ruas tenham buracos;

pouco me importa que a Mutamba seja um nojo
e que os programas de rádio sejam chatos como o raio que os parta;
pouco me importa que a baía esteja cheia de óleo
e que a ilha seja feia,
e que as únicas belezas locais sejam os coqueiros, os coqueiros,
os coqueiros e outra vez os coqueiros,
e que se diga que quem cometeu o crime não foi fulano mas sim
beltrano que negocia em diamantes e tem os olhos
tortos;

pouco me importa, arre, pouco me importa,
porque em Luanda é que eu te conheci, mulher amada,
e eu e tu, mulher amada
(qual Luanda, qual carapuça!),
somos outra cidade, outro prefeito, outra baía,
os teus seios, outras colinas,
os teus braços, outras flores,
as tuas mãos em concha, outra esperança,
a tua boca entreaberta, outro desejo.

Luanda (Angola). 28-08-71